

➔ “Visages de l’Emigration Portugaise”

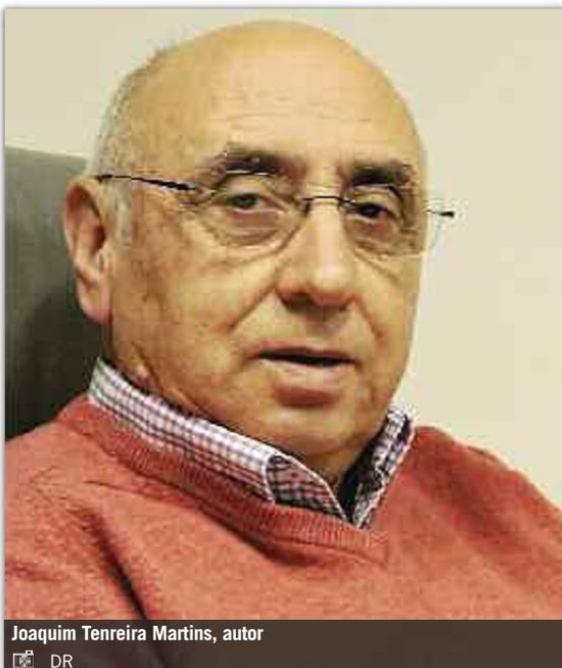
Livro de Joaquim Tenreira Martins dá ‘caras’ à emigração portuguesa na Bélgica

Por Clara Teixeira

“Visages de l’Emigration Portugaise” é o título do último livro escrito em francês por Joaquim Tenreira Martins. Publicado pela editora francesa l’Harmattan, o escritor residente na Bélgica já o apresentou em Bruxelas e brevemente vai apresentá-lo em França.

“Todos os dias se publicam centenas de livros. Mas um livro publicado em língua francesa, editado em Paris pela grande editora l’Harmattan, sobre um tema que nunca deixou de afetar a sociedade portuguesa - a emigração -, não acontece todos os dias”, lê-se num comunicado enviado à imprensa. Embora o autor tenha enveredado pelo campo da ficção no domínio social, foca, no entanto, um outro lado da realidade da emigração menos badalada, mas não menos inexistente nos países de acolhimento. E o autor sabe do que fala porque trabalhou muitos anos na Embaixada de Portugal em Bruxelas. “Talvez com este livro se perceba que num Consulado não se deveria apenas tratar de registo civil, passaportes, cartões de cidadãos, etc. Um Consulado deveria ter uma função de serviço social e jurídico para acolher e aconselhar os nacionais que, infelizmente, continuam a chegar”.

Originário de Vale do Espinho, Sabugal, frequentou quando era jovem o Seminário, estudou filosofia e teologia, hesitou a um dado momento em ser Padre e finalmente dois dias antes de ser chamado para fazer o serviço militar na Guiné, veio para a Bélgica, em julho de 1972 “como morava perto da fronteira e tinha o passaporte de seminarista não tive grandes dificuldades em sair do país”, recorda. Foi na Secção consular da Embaixada



Joaquim Tenreira Martins, autor

DR

de Portugal em Bruxelas que trabalhou durante 40 anos, “como tinha o curso de Teologia não aproveitei essa facilidade para dar aulas ou ter outro tipo de trabalho, mas resolvi tirar o curso de assistente social” e foi em 1975 que passou o concurso para trabalhar na Embaixada enquanto Assistente social. Durante anos atendeu clientes e ouviu as suas histórias tentando ajudar nos problemas de cada um.

Com este livro, o autor pretende dar a palavra aos emigrantes portugueses.

Através duma diversidade de textos de ficção inspirados pela sua experiência no domínio social, Joaquim Tenreira Martins escreveu sobre ele próprio e sobre o trabalho que realizou na Embaixada. “Podia ter feito uma investigação muito teórica sobre o serviço social, mas quis basear-me sobre as histórias das pessoas, elas vinham ao meu serviço, apresentavam os seus problemas e na medida do possível tentava ajudar as pessoas junto de Lisboa ou aqui na Bélgica, às vezes era no simples acompanhamento, vi-

sitava os presos também, como era uma pessoa que falava em português e que podia fazer de intermédio junto das famílias e das instituições, era isso que gostava. Apaixonei-me pelas pessoas”, acrescentou.

O autor já escreveu 3 livros, aos que ele chama de “desafio”, um primeiro sobre a infância, “Viagens na minha infância”, onde “comecei por escrever um livro sobre a minha vida, que é um pouco rocambolesca, e quis apresentar a minha vida às minhas filhas. Mas a dada altura achei que não tinha piada, e então escrevi o ambiente da aldeia, quis que fosse um livro de afetos, de ambientes duma aldeia que as minhas filhas nunca conheceram, abordar os medos, os mitos, as casas, as árvores, as pessoas que nos influenciaram”. E foi assim que se apaixonou pela escrita e continuou com o segundo livro, “Sabugal e as invasões francesas” que tratava das batalhas que tiveram lugar na sua própria região. “Eu não sou militar, mas entusiasmei-me a mim próprio e comecei a investigar sobre as Invasões francesas, a ler literatura mais inglesa do que francesa, e aproveitei o bicentário das Batalhas francesas do dia 4 de abril de 1811, para festejarmos no Sabugal a saída do livro, que teve muito sucesso” explica ao LusoJornal. Joaquim Tenreira Martins reconheceu que para se escrever um livro, é preciso ter uma ideia pela qual se apaixonar e seria por conseguinte a primeira geração, “as pessoas que vieram para aqui e que estão partilhadas entre Portugal e a Bélgica, pois foi aqui que viveram e que têm os netos, e como eu que tenho 3 filhas e 7 netos, decidi dedicar os meus livros a eles, à minha família”, explicou ao LusoJornal.